

## A DISPUTA ESPACIAL ENTRE INDISCIPLINA E A VIOLÊNCIA: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA

Elen Shery Silva Duarte<sup>1</sup> Fernanda dos Santos da Silva<sup>2</sup> Andreia Venícias Carvalho da Silva Vieira<sup>3</sup> Fábio Almeida de Araújo<sup>4</sup> Aline Pires da Silva<sup>5</sup> Elcio de Sousa Cruz<sup>6</sup> Sara Moraes da Silva<sup>7</sup> Luciana da Silva Reis<sup>8</sup> Hilma Silva de Carvalho<sup>9</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n3p887-905>

Artigo recebido em 12 de Março e publicado em 12 de Maio de 2026

### ARTIGO DE REVISÃO

#### RESUMO

Este estudo visa analisar a indisciplina e a violência no contexto escolar, com ênfase nos seus impactos na prática docente. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada em autores como Charlot (2002), Garcia (2009), Bourdieu (1989; 1992), Freire (1996) e Santos (2006; 2017), que discutem a complexidade das relações escolares, as manifestações de violência e as suas implicações para o trabalho pedagógico. Os resultados evidenciam que a indisciplina e a violência estão relacionadas a fatores sociais, históricos e institucionais, afetando diretamente o ambiente escolar, o tempo pedagógico e a saúde dos professores. Sugere-se o aprofundamento de estudos no contexto das escolas brasileiras, com foco na escuta de professores e alunos, na análise de políticas educacionais e na construção de estratégias que contribuam para a redução da indisciplina e da violência nas escolas.

**Palavras-chave:** Indisciplina escolar; Violência escolar; Trabalho docente.

## ABSTRACT

This study aims to analyze indiscipline and violence in the school context, with an emphasis on their impacts on teaching practice. It is qualitative, bibliographic research based on authors such as Charlot (2002), Garcia (2009), Bourdieu (1989; 1992), Freire (1996), and Santos. (2006; 2017), who discuss the complexity of school relationships, the manifestations of violence, and their implications for pedagogical work. The results show that indiscipline and violence are related to social, historical, and institutional factors, directly affecting the school environment, pedagogical time, and teachers' health. Further studies are suggested within the context of Brazilian schools, focusing on listening to teachers and students, analyzing educational policies, and developing strategies that contribute to reducing indiscipline and violence in schools.

**Keywords:** School indiscipline; School violence; Teaching practice.

### Instituição afiliada

<sup>1</sup>Doutoranda em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: [elen.duarte@mail.ufnt.edu.br](mailto:elen.duarte@mail.ufnt.edu.br).

<sup>2</sup>Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail [fernandaeducar@hotmail.com](mailto:fernandaeducar@hotmail.com)

<sup>3</sup>Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail [andrea\\_venicias@hotmail.com](mailto:andrea_venicias@hotmail.com)

<sup>4</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail [fabio.fabhyu@gmail.com](mailto:fabio.fabhyu@gmail.com)

<sup>5</sup>Especialista em Coordenação Pedagógica, pela Gran Centro Universitário. E-mail [piresnbf85@gmail.com](mailto:piresnbf85@gmail.com)

<sup>6</sup> Especialista em Alfabetização e Letramento local pela UNOPAR. E-mail: [prof.elciocruzz@gmail.com](mailto:prof.elciocruzz@gmail.com)

<sup>7</sup> Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela FAPAF. E-mail [saramorais086@gmail.com](mailto:saramorais086@gmail.com)

<sup>8</sup>Graduada em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail [reiscruz.luciana@gmail.com](mailto:reiscruz.luciana@gmail.com)

<sup>9</sup> Psicóloga pela Faculdade de Educação Santa Terezinha ( FEST) E- mail [hilmapsibblueitz@gmail.com](mailto:hilmapsibblueitz@gmail.com)

**Autor correspondente:** Elen Shery Silva Duarte

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



## **1 INTRODUÇÃO**

Este estudo parte da premissa de que os professores, na contemporaneidade, encontram-se cada vez mais distantes da figura tradicional de “mestre”. Entre os fatores que contribuem para essa mudança, destaca-se a própria sociedade, que tende a percebê-los como agentes limitados a uma lógica atravessada pela organização capitalista. A romantização da efígie do professor já não está mais ligada ao ser intocável e respeitado, passando, muitas vezes, segue à imagem de um profissional cansado e desvalorizado.

Observa-se também uma redefinição do papel da escola, que, em alguns contextos, tem ampliado a sua efetividade para além do ensino, com atuação ligadas ao acolhimento social, econômico e afetivo. Embora estes fatores sejam fundamentais, nota-se um deslocamento no equilíbrio entre educar e cuidar. Para Duarte et al. (2023), a escola, especialmente em contextos periféricos, passa a assumir um papel assistencialista, atuando como uma extensão do Estado diante da ausência de políticas públicas efetivas.

Nesse panorama, amplia-se a responsabilização do professor que, muitas vezes sem o suporte necessário, lida com demandas exaustivas, como a indisciplina e o enfrentamento de diferentes formas de violência dentro e fora da sala de aula. Diante disso, questiona-se: como a indisciplina e a violência escolar, associadas às transformações sociais contemporâneas, se entrelaçam na prática docente? Parte-se da hipótese de que esses impactos provocam adoecimentos físicos e mentais, como ansiedade, depressão e esgotamento profissional, intensificados pelos atravessamentos de um sistema educacional cada vez mais sobrecarregado e incapaz de responder às demandas da realidade escolar atual.

As noções de disciplina e indisciplina, conforme discutido por Garcia (2009), integram a construção histórica da escola e das suas práticas sociais, compreendidas sob diferentes correntes teóricas. Para a compreensão da violência no contexto escolar, adota-se ao conceito de Charlot (2002), que a analisa em diferentes dimensões, incluindo tanto aquela que ocorre no interior da escola, associada a conflitos externos, quanto a que se dirige à própria instituição, manifestada por meio de agressões e atos que atingem diretamente seus agentes e estruturas.

Nesse sentido, o estudo dialoga com autores que analisam as relações de poder nos contextos social e educacional. Para Bourdieu (1989), o poder simbólico manifesta-se de forma tênue e legitimada nas interações sociais, inclusive por meio da linguagem. Já Freire (1996) defende uma prática docente fundamentada no diálogo e na valorização dos sujeitos.

Assim, este trabalho visa analisar a indisciplina e a violência no contexto escolar, com ênfase nos seus impactos na prática docente, considerando não apenas a sua dimensão objetiva, mas as realidades sociais que atravessam os limites do espaço escolar. Para isso, ancora-se na categoria espacial de Santos (2017), ao compreender que a realidade espacial resulta da articulação entre as dinâmicas globais e locais, sendo o espaço uma construção social indissociável da história e das relações humanas.

## **2 METODOLOGIA**

Este estudo possui natureza qualitativa, com abordagem de revisão bibliográfica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, sendo fundamental para a construção do conhecimento. Quanto aos procedimentos, a pesquisa envolveu, inicialmente pela seleção e leitura de materiais teóricos pertinentes ao tema; a identificação e sistematização das informações e dados relevantes; o estabelecimento de relações entre os dados coletados e os objetivos de estudo; e por fim com a análise crítica das contribuições dos autores (Gil, 2008).

Além da revisão bibliográfica, o estudo apresenta caráter documental, tendo como fontes de análise materiais provenientes de páginas de jornais e charges que abordam a indisciplina e a violência no ambiente educacional. A coleta de dados ocorreu por meio do levantamento desses conteúdos, enquanto a análise foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, organizada em categorias temáticas e espaciais.

Dito isso, a relação espacial aqui proposta não se limita a um contexto geográfico de localização educacional, mas abrange também a sua formação e os elementos que a constituem. Nesse processo, teoria “espacial” foi adotada como eixo

analítico, fundamentada no olhar de Santos (2017), para quem o estudo das formações socioeconômicas permite compreender a sociedade na sua totalidade e particularidades, sempre vinculada a um determinado momento histórico.

Associada a conceituação do termo *violência*, para isso, a pesquisa se apoia nas contribuições de Charlot (2002), especialmente na distinção entre *violência à escola* e *violência da escola*. Na qual existem dois polos da violência que se alternam entre quem agride e quem sofre: a instituição escolar e os seus representantes, de um lado, e os estudantes, de outro. Assim, as subcategorias de análise foram definidas a partir dos conceitos de *indisciplina*, *violência* e *impactos na prática docente*, possibilitando uma leitura crítica e reflexiva dos dados produzidos nesta pesquisa.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A discussão ora iniciada se faz pela ideia de constituir uma reflexão acerca da disputa espacial, que ocorre em termos simbólicos ou subjetivos e se manifesta de forma crescente também no plano físico. Essa realidade tem intensificado a alteração e a inquietação acerca da profissão docente. Temas como indisciplina e violência já não disputam a mesma esfera no ambiente escolar; ao contrário, passam a se articular, tornando-se praticamente indissociáveis no contexto da sala de aula.

Observa-se que o currículo educacional tem se transformado ao longo do tempo, reconfigurando a organização do trabalho educativo, influenciando tanto as dinâmicas de permanência no espaço escolar quanto as relações intrínsecas que constituem as formações espaciais. Conforme destaca Santos (2017), as categorias modo de produção, formação social e espaço são indissociáveis, uma vez que os processos de produção, circulação, distribuição e consumo se realizam de forma histórica e espacialmente situada, no interior de uma formação social.

Percebe-se também uma ampliação significativa dos investimentos na formação continuada, ofertada tanto por instituições de ensino quanto por meio de formatos acessíveis e gratuitos, como plataformas digitais, a exemplo do AVAMEC<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup> Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação é uma plataforma digital que oferece cursos e recursos educacionais voltados à formação de professores e estudantes. Disponível em: <https://avamec.mec.gov.br/v2/#/>.

O que evidencia a diversidade de possibilidades didáticas disponíveis aos profissionais da educação, incluindo, nesse avanço, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), que se configura como referência para a organização do currículo escolar.

Tais transformações decorrem das dinâmicas do capital, impulsionadas pelo neoliberalismo. Onde, a produção e a reprodução do capital articulam-se de modo a envolver diferentes esferas da sociedade, inclusive a educacional. Observa-se, ainda, o crescimento de políticas de acesso e de investimentos voltados à formação de futuros professores, por meio de programas governamentais que buscam valorizar e qualificar o magistério da educação básica, além de incentivar a docência no Brasil, como o Programa Mais Professores.

Lançado em 2025, o Programa Mais Professores organiza-se em cinco eixos: seleção para o ingresso na docência, por meio da Prova Nacional Docente; atratividade para as licenciaturas, com a oferta de bolsas de permanência; alocação de professores em regiões com escassez de profissionais; fortalecimento da formação docente, por meio de plataformas de desenvolvimento profissional; e valorização dos professores, com ações em parceria com diferentes órgãos públicos (Brasil, 2025).

O programa pode ser compreendido, ainda, como um indicativo das fragilidades na formação docente e da diminuição do interesse pela profissão, evidenciando a necessidade de investimentos não apenas na educação em si, mas também em estratégias de atração e permanência de novos educadores. Nesse cenário, a docência já não enfrenta apenas o desafio do ingresso na carreira, mas, sobretudo, da permanência nela.

### ***As interfaces entre Violência e Indisciplina na Escola***

Outro contraste se revela às transformações na formação docente e às condições físicas e mentais de trabalho. Esse quadro tem contribuído para o aumento dos índices de adoecimento entre professores, evidenciando tensões estruturais no exercício da profissão. Nesse sentido, Ribas et al. (2025) destacam que transtornos mentais comuns são mais frequentes entre professores que vivenciam situações de

violência no ambiente escolar, sejam elas de natureza moral ou psicológica, envolvendo alunos, familiares ou outros profissionais.

Essa realidade pode ser compreendida à luz da análise de Charlot (2002), ao destacar que as distinções tradicionais entre violência, transgressão e incivilidade se torna cada vez mais tênue no cotidiano escolar. Tais manifestações, muitas vezes entrelaçadas, contribuem para a construção de um ambiente marcado por pequenas agressões, como desrespeito, indiferença e recusa às atividades, que, acumuladas, afetam profundamente a identidade pessoal e profissional de professores.

Garcia (2009) ressalta a complexidade das expressões de indisciplina no contexto escolar e as suas múltiplas implicações para as práticas pedagógicas. Pois as estratégias tradicionais de controle e gestão da sala de aula mostram-se insuficientes diante das dinâmicas contemporâneas. Observa-se que as relações estabelecidas no contexto educativo têm se tornado cada vez mais complexas, sendo construídas tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Esses espaços tornam-se palcos de tensões, debates e disputas pela permanência de alunos e professores no mesmo ambiente, uma vez que nem sempre ambos conseguem se engajar plenamente nos seus papéis, o aluno no processo de aprendizagem e o professor na *condução* do ensino. Conforme Duarte et al. (2026), a organização espacial nas escolas constitui-se como uma temática relevante no campo pedagógico e curricular, extrapolando a dimensão geográfica e abrangendo dimensões sociais, políticos e econômicos.

Embora o ensino e a aprendizagem permaneçam como foco central, emergem desafios que impactam as construções de aprendizagem no espaço físico da sala de aula. Sendo assim, torna-se necessário considerar as transformações na formação docente, nas práticas educativas e na inserção das tecnologias, além das influências de uma sociedade marcada por lógicas capitalistas. (Garcia, 2009).

Em vista disso, é preciso compreender como têm se estabelecido relações crescentes e desafiadoras no contexto escolar, especialmente no que se refere à interação e as relações formadas entre o professor e o aluno. Nóvoa (2019) destaca que a escola, enquanto instituição social consolidada, ainda preserva traços de um modelo tradicional que, embora amplamente questionado, permanece presente.

Historicamente, esse modelo substituiu outros espaços de socialização, como a família, o trabalho e a rua, assumindo um papel central na formação dos indivíduos.

Compreende-se que os espaços de socialização, bem como as influências sociais e políticas, adentram o ambiente escolar e passam a compor a dinâmica da sala de aula. Santos (2017) afirma que o espaço está em constante transformação, sendo simultaneamente resultado e condição do movimento da sociedade. Quando não há criação ou renovação de formas, as determinações sociais tendem a se adaptar às estruturas existentes, que, por sua vez, possibilitam a materialização de novos conteúdos na realidade.

Para Duarte et al. (2026), tais elementos passam a compor a dinâmica escolar, interferindo nas relações estabelecidas nesse espaço. Em certos contextos, esse ambiente passa a ser caracterizado por tensões, conflitos e pela fragilização das relações de respeito, afastando-se da sua finalidade essencial.

Ao abordar os conflitos relacionados à indisciplina, não se trata de adotar um teor ligado ao mecanismo tradicional centrado na punição e na responsabilização exclusiva do aluno, mas de compreender tais manifestações como fenômenos vinculados às práticas desenvolvidas no ambiente educativo. Nesse sentido, Garcia (2009) ressalta a complexidade da indisciplina e as suas implicações para a prática pedagógica, evidenciando que soluções baseadas apenas no controle e na gestão da conduta mostram-se insuficientes diante das dinâmicas contemporâneas.

Sendo assim, cabe destacar que este trabalho não visa mensurar as causas da indisciplina, mas compreender e contextualizar os seus efeitos nas práxis. Assim, entende-se que os conflitos vivenciados em sala de aula e as ações adotadas pelo sistema educacional são resultantes de múltiplos fatores, como as transformações nas práticas pedagógicas, as novas dinâmicas de interação dos alunos e as políticas públicas implementadas no âmbito das formações espaciais.

Nesse sentido, torna-se necessário compreender que essas disputas espaciais, marcadas por relações de poder entre professor e aluno, também se configuram como elementos constitutivos do espaço educativo. Conforme Santos (2006), o espaço não é apenas um conjunto de objetos, mas uma organização estruturada por lógicas que orientam tanto a disposição quanto o uso desses elementos, articulando-se diretamente com os processos históricos. Assim, as relações estabelecidas no

ambiente escolar não são neutras, mas atravessadas por dinâmicas de poder, organização e ação que influenciam o cotidiano da sala de aula.

Dessa forma, emergem abordagens pedagógicas que questionam modelos tradicionais, especialmente no que se refere à necessidade de promover a autonomia discente. Contudo, tais mudanças ocorrem de maneira gradual, sendo atravessadas por resistências, tensões e debates no contexto escolar (Garcia, 2009). De acordo com Sá et al. (2020), a docência contemporânea exige múltiplos saberes que vão além do domínio de conteúdo, incluindo competências relacionais e socioemocionais.

Nesse contexto, o professor frequentemente enfrenta desgastes decorrentes de comportamentos indisciplinados, o que compromete o tempo pedagógico, muitas vezes direcionado à contenção de conflitos. Esses desgastes resultam de processos contínuos e complexos, nos quais a escola, apesar de buscar estratégias internas, enfrenta limitações devido à falta de apoio familiar e de políticas públicas eficazes. (Sá et al., 2020).

Nesta conjuntura, o professor se sobrecarrega com encaminhamentos ou relatórios que servem como um mapeamento do comportamento e aprendizagem do aluno, que nem sempre geram intervenções efetivas, agravando-se na ausência de diagnósticos que orientem a 'práxis' e contribuindo para a persistência da violência dentro e fora do ambiente educativo. Charlot (2002) ressalta que, embora a violência escolar não seja um fenômeno recente, na contemporaneidade ela assume novas formas, mais visíveis e, em alguns casos, mais graves, como o aumento das agressões verbais e do desrespeito aos professores.

### ***Dinâmicas Espaciais e Conflitos na Produção da Violência e Indisciplina***

A charge produzida por J. Bosco (2018) contribui para essa reflexão ao representar, de forma crítica, diferentes manifestações de violência no ambiente escolar.

Figura—1 Espaço territorial de Violência



Fonte: J. Bosco (2018).

A imagem da figura-1, evidencia que a violência assume múltiplas configurações, ora vinculada a fatores estruturais, ora ao enfraquecimento da autoridade docente, o que reforça a complexidade das relações no contexto educacional. Santos (2006), aponta que o espaço é constantemente reconfigurado por forças dominantes que reorganizam os seus contornos e impõem novas dinâmicas territoriais, promovendo processos de homogeneização e hierarquização.

Tais transformações, ao incorporarem normas externas, tendem a fragilizar as solidariedades locais e a autonomia dos sujeitos, repercutindo diretamente nas relações escolares. Nessa mesma linha de pensamento, Bourdieu (1992) contribui ao conceituar a violência simbólica como uma forma de dominação que se estabelece pela aceitação, muitas vezes inconsciente, dos dominados frente aos dominantes.

Compreende-se que o espaço social é constituído por temporalidades distintas, nas quais elementos do passado coexistem com as dinâmicas do presente, influenciando e, por vezes, limitando as transformações (Santos, 2006). Assim, os contextos educativos não são homogêneos, mas marcados por desigualdades e diferentes formas de apropriação dessas mudanças, o que impacta diretamente as relações de poder e as práticas no interior da escola.

Tal processo ocorre porque os indivíduos compartilham instrumentos de apreensão que naturalizam as relações de poder, o que também pode ser observado no contexto escolar. Paulo Freire (1996) ressalta que a prática educativa exige o

equilíbrio entre autoridade e liberdade, uma relação intrinsecamente tensa, mas necessária. A disciplina emerge desse equilíbrio, enquanto a indisciplina pode ser compreendida como resultado da sua ruptura, seja pelo autoritarismo, seja pela permissividade.

Nota-se que não é difícil encontrar, nos meios de comunicação, notícias e pesquisas que abordam situações recorrentes no contexto escolar, como casos de abuso, violência, adoecimento e indisciplina. Esses dados, amplamente divulgados, contribuem para a compreensão dos desafios enfrentados no campo educacional.

Nesse sentido, reportagens publicadas no portal G1 indicam que a indisciplina em sala de aula figura entre as principais preocupações nesse campo, evidenciando o seu impacto direto no trabalho docente e na qualidade do ensino (G1, 2025).

Segundo a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), com base em dados do Observatório do Estado Social Brasileiro, os casos de violência contra docentes da educação básica não são isolados, mas refletem um padrão estrutural presente no sistema educacional brasileiro.

Nesse contexto, a violência passou a integrar o cotidiano escolar, manifestando-se por meio de práticas psicológicas, simbólicas e institucionais, marcadas pela desvalorização, humilhação, opressão e precarização das relações no ambiente educacional.

No que se refere à violência no ambiente escolar, Guimarães (2011) aponta um crescimento significativo de casos envolvendo agressões contra professores, incluindo insultos, violência física e furtos. Tais manifestações estão frequentemente associadas ao insucesso escolar e a contextos familiares desestruturados, evidenciando a sua complexidade.

Como mostra a figura- 2, abaixo.

Figura –2 Violência educativa



Fonte: Guimarães (2011)

Esse quadro se intensifica ao longo dos anos, revelando um aumento do desrespeito à figura do professor, que passa a ser alvo de diversas formas de desvalorização. Conforme discutem Carita e Teodoro (2021), a indisciplina escolar constitui um tema recorrente tanto nas vivências docentes quanto nas pesquisas educacionais, sendo frequentemente associada a comportamentos que dificultam o desenvolvimento das atividades pedagógicas.

É importante ponderar que a decorrência desse tipo de ação não se limita apenas a manifestações visíveis de desordem, mas também sinaliza fatores subjetivos que refletem pedidos de ajuda, tanto por parte dos educadores quanto dos alunos, especialmente aqueles inseridos em contextos sociais desafiadores.

Para Moura et al. (2025), torna-se necessário compreender como o contexto de intensificação da violência contra a escola na sociedade contemporânea faz com que esses conflitos invadam o ambiente escolar, convertendo-se em violência na escola. Além disso, a ausência de respostas efetivas para a interrupção dessas práticas contribui para que a própria instituição escolar passe a reproduzir formas de violência, configurando aquilo que os autores denominam violência da escola.

A violência e a indisciplina no ambiente escolar contribuem para a construção de relações fragilizadas, gerando desconexão entre os sujeitos envolvidos no processo educativo e acarretando resultados negativos que extrapolam o espaço escolar, alcançando o contexto social mais amplo. Bourdieu (1989) destaca que a

escola tende a reproduzir desigualdades sociais ao desconsiderar as diferenças culturais entre os alunos, favorecendo aqueles que já possuem maior capital cultural.

Essa lógica contribui para a manutenção de desigualdades, influenciando as manifestações de indisciplina e os processos de exclusão. Nesse sentido, Garcia (2009) destaca que o olhar do professor sobre o aluno indisciplinado é permeado por vieses interpretativos, uma vez que a própria noção de indisciplina é socialmente construída e reflete valores, crenças e culturas presentes no contexto escolar.

Sá et al. (2020), evidencia-se que manter a atenção dos alunos durante as aulas constitui um desafio constante, exigindo do professor o uso de metodologias diversificadas, interativas e lúdicas. Nesse contexto, as regras tornam-se fundamentais para garantir a organização do ambiente escolar e a equidade nas relações, ainda que a sua aplicação enfrente limites diante da diversidade de realidades presentes na escola.

### ***Entre Punir e Educar: Crítica às Respostas à Violência Escolar***

É relevante destacar que a indisciplina escolar está frequentemente associada a situação de desrespeito e pode se manifestar por meio de atos de violência direta e indireta contra o professor, tanto na sua dimensão física quanto psicológica. Casos noticiados evidenciam essa realidade, ao relatarem episódios de agressões e desrespeito que reforçam a vulnerabilidade do docente no exercício da sua profissão. Observe o recorte retirado da página Af notícias no Estado do Tocantins.

Figura-3 Atos de Violência



Fonte: AF notícias (2026).

Nota-se que situações de violência, tanto simbólica quanto explícita, como casos de racismo, evidenciam não apenas a gravidade dessas ocorrências, mas

também a fragilidade do respeito à profissão docente. Relatos extraídos de entrevistas concedidas ao veículo AF Notícias (2026) demonstram os impactos emocionais dessas experiências, reforçando a necessidade de ações institucionais mais efetivas.

Nesse contexto, Ribas et al. (2025) apontam que tais vivências estão associadas a prejuízos na qualidade de vida dos professores, afetando a sua saúde física e mental, bem como a sua vida profissional e pessoal. Como expresso por uma professora vítima do ocorrido, *“Segui meu caminho, mas aquilo me atingiu profundamente. Na volta, decidi ir até a escola e pedir respeito. Eles ainda riram, em tom de deboche”* (AF Notícias, 2026). A escola, por sua vez, confirmou a ocorrência e informou que os estudantes envolvidos foram identificados e submetidos à suspensão disciplinar de três dias (AF Notícias, 2025).

Para Moura et al. (2025), o enfrentamento da violência deve envolver toda a comunidade escolar; contudo, a gestão educacional possui papel fundamental na interrupção dessas práticas. Os autores destacam que, em muitos casos, o poder disciplinar é utilizado para negar ou minimizar situações de violência, bem como para evitar a responsabilização dos agressores, fazendo com que a própria instituição escolar também se torne agente da violência. Nesse contexto, diretores aparecem frequentemente entre os principais responsáveis apontados pelos educadores, evidenciando que a violência presente na escola pode transformar-se, também, numa violência produzida pela própria escola (Moura et al., 2025).

Percebe-se a fragilidade de um sistema que, muitas vezes, limita-se a advertências ou sanções pontuais, sem promover intervenções educativas mais profundas e eficazes. Tal postura pode ser insuficiente, especialmente quando não há uma compreensão clara sobre a distinção entre atos infracionais e comportamentos de indisciplina, o que compromete a construção de estratégias adequadas de enfrentamento.

Outro aspecto importante apontado pela pesquisa da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2025) refere-se ao fato de que a categoria docente é composta majoritariamente por mulheres, representando cerca de 78% dos profissionais da educação básica. Historicamente mais vulneráveis nas relações de trabalho e submetidas a múltiplas demandas sociais, essas profissionais acabam

enfrentando um desgaste físico e emocional. Em muitos casos, a necessidade de complementar a renda leva ao acúmulo de vínculos empregatícios, intensificando a fadiga, o adoecimento e a vulnerabilidade diante de conflitos e situações de violência no ambiente escolar.

Nesse sentido, Nóvoa (2019) aponta que a escola enfrenta uma crise de adaptação às demandas contemporâneas, demonstrando dificuldades em se alinhar às transformações do século XXI. Embora persistam desafios históricos, como a garantia de uma educação pública de qualidade, torna-se evidente a necessidade de repensar o papel da escola frente a um futuro que já se faz presente na realidade dos estudantes.

Essa conjuntura reforça a necessidade de pensar em ações que possam mediar os conflitos e em mecanismos de apoio direto à sala de aula e ao professor, de modo a contribuir com o processo formativo dos alunos. Nesse sentido, Libâneo (2009) destaca que a formação docente deve contemplar competências que auxiliem os estudantes a pensar criticamente e a agir com base em valores e atitudes, reforçando o papel social da escola na formação integral do sujeito.

Entretanto, esta pesquisa ainda se configura como um recorte em construção, o que, embora lhe imponha certas limitações, não diminui a sua relevância. Ao contrário, evidencia a necessidade de compreender os múltiplos elementos que constituem o espaço investigado, reconhecendo que a sua formação envolve dimensões objetivas e subjetivas.

Para Santos (2017) o espaço reproduz a totalidade social, uma vez que a suas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Ao mesmo tempo, o espaço não apenas reflete essas dinâmicas, mas também interfere na evolução de outras estruturas, constituindo-se como elemento fundamental na compreensão da sociedade e dos seus movimentos.

Diante disso, evidencia-se a necessidade de aprofundar as investigações no contexto das escolas brasileiras, a fim de compreender de forma mais consistente o perfil de professores e alunos, bem como identificar os fatores que permeiam as manifestações de violência e indisciplina no âmbito educacional.

#### **4 CONCLUSÃO**

As análises deste estudo evidenciam que a indisciplina e a violência escolar estão associadas a fatores sociais, às transformações contemporâneas e às fragilidades das políticas públicas voltadas à educação. Essas manifestações impactam diretamente o trabalho pedagógico, comprometendo a organização das aulas, as relações entre professores e alunos e a continuidade da carreira docente diante de um cenário marcado por conflitos.

Este trabalho também compreende que as relações estabelecidas no ambiente educativo estão diretamente ligadas às relações espaciais, uma vez que não acontecem desvinculadas do contexto histórico e social. Dessa forma, o espaço não se restringe apenas ao campo físico, mas abrange um contexto amplo, constituído pelas dinâmicas sociais, culturais e humanas que atravessam o cotidiano escolar.

Nesse sentido, o objetivo de analisar a indisciplina e a violência, com ênfase nos seus desdobramentos na prática docente, foi alcançado ao evidenciar que o professor enfrenta demandas de alunos resistentes às regras de convivência escolar, o que exige competências emocionais, relacionais e institucionais. Da mesma forma, a hipótese apresentada na problemática mostrou-se pertinente diante do avanço do adoecimento docente, especialmente entre mulheres, marcado por esgotamento físico e emocional no ambiente escolar.

Além disso, as relações entre os alunos revelam-se fragilizadas em diversos contextos, marcadas por tensões, desrespeito e dificuldades na construção de um ambiente favorável à aprendizagem. Assim, os resultados deste estudo contribuem para o campo científico ao reforçar a necessidade de ampliar o debate sobre as condições reais do trabalho docente e os desafios da escola contemporânea.

Dito isso, reconhece-se que esta investigação apresenta limitações, por se tratar de uma análise ainda em desenvolvimento, o que evidencia a necessidade de novos estudos. Nesse sentido, sugere-se o aprofundamento de pesquisas no contexto escolar, com foco na escuta de professores e alunos, na análise de políticas educacionais e na identificação de estratégias pedagógicas que contribuam para a redução da indisciplina e da violência.

## **5 REFERÊNCIAS**



BRASIL. **Ministério da Educação**. Programa Mais Professores. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/mais-professores>. Acesso em: 15 abr. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_, Pierre. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Interfaces: Sociologias, Porto Alegre, n. 8, p. 432-443, dez. 2002. DOI: 10.1590/S1517-45222002000200016.

CARITA, Ana; TEODORO, Vítor Duarte. **A indisciplina escolar na imprensa: o Jornal Público entre 2011 e 2015**. Arquivos Analíticos de Políticas Educativas, v. 29, n. 174, 20 dez. 2021. ISSN 1068-2341.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO (CNTE). **Violência contra professores: a epidemia silenciosa que ameaça a educação pública**. Brasília, 9 out. 2025. Disponível em: <https://cnte.org.br/noticias/violencia-contra-professores-a-epidemia-silenciosa-que-ameaca-a-educacao-publica-b804>. Acesso em: 7 maio 2026.

DUARTE, Elen Shery Silva; SOUZA, Ludimila Rodrigues de; COSTA, Rosiane Martins da Silva; RODRIGUES, Walace. **A escola periférica como um braço assistencial dos governos brasileiros**. Rev. Hum. & Educ., Imperatriz (MA), v. 5, n. 9, p. 2–11, jul./dez. 2023.

\_\_\_\_\_, Elen Shery Silva; SOUSA, Luiza Corbucci Filó Dias de; SILVA, Aline Pires da; FREITAS, Maria Jose Janaina Sousa Ferreira. **Entre o Físico e o Social: Os arranjos espaciais como linguagem na educação infantil**. *Scientia Generalis*, Patos de Minas - MG - Brasil, v. 7, n. 1, p. 450–457, 2026. DOI: 10.22289/sg.V7N1A38. Disponível em: <https://scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/879>. Acesso em: 15 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Joe. **Representações dos professores sobre indisciplina escolar**. Educação, Santa Maria, v. 34, n. 2, p. 311-324, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>. Acesso em: 13 abr. 2026.

G1. **Brasil tem indisciplina escolar acima da média: professores gastam mais de 20% da aula para controlar alunos**. 7 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/10/07/brasil-tem-indisciplina-escolar-acima-da-media-professores-gastam-mais-de-20percent-da-aula-para-controlar-alunos.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2026.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Leile. **Violência contra os professores: onde vamos parar? O que podemos fazer?** 2011. Disponível em: <https://blogleilepinto.blogspot.com/2011/01/violencia-contra-os-professores-onde.html>. Acesso em: 12 abr. 2026.

LIBÂNEO, José Carlos. **Teoria e prática**. 5. ed. São Paulo: Editora Alternativa, 2004.

MOURA, Fernanda; PENA, Fernando; NEVES, Laís Moreira; AQUINO, Renata. **Violência contra a escola: ameaças à educação democrática no Brasil atual**. In: ONVE – Observatório Nacional da Violência contra Educadoras/es. *Educação democrática e enfrentamento às violências [apostila]*. Niterói: ONVE, 2025.

NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 51-76.

RIBAS, Nathalie Yelena Plucinski Cardoso; BARBOSA, Amanda Machado; BUENO, Lidiele Roque; LARA, Simone; GRAUP, Susane. **Adoecimento de professores do ensino básico e fatores associados: uma revisão de literatura**. Contribuciones a Las Ciencias Sociales, São José dos Pinhais, v. 18, n. 3, p. 1-22, 2025. DOI: 10.55905/revconv.18n.3-077.

SÁ, Ana Paula Feixeira Vergamota de; LIMA, Andréa Barbosa de; GOMES, Maria Jorgiane; PEQUENO, Lucíola Lima Caminha. **(In)disciplina no contexto escolar: desafios e perspectivas**. Revista Educação & Ensino, Fortaleza, v. 4, n. 1, jan./jun. 2020.

SANTOS, M. (2017). **Sociedade e espaço**: a formação social como teoria e como método. Boletim Paulista De Geografia, (54), 81\_100. Recuperado de <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092>

\_\_\_\_\_. M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.- (Coleção Milton Santos; 1)